

## REINVENTANDO A EUROPA

O tema “reinventando a Europa” constitui-se, aos nossos olhos, jovens estudantes, cidadãos europeus, como um desafio maior. Reinventar a Europa implica transformar algo profundamente enraizado, com uma longa história que lhe serve de âncora e ser capaz de imaginar visões de mundo possíveis e novas ordens (sociais, políticas e económicas) tendo em conta os novos problemas, os seus desafios e, sobretudo, as suas oportunidades. Reinventar a Europa, implica partir da sua história comum refletindo ao mesmo tempo sobre a sua ampla diversidade social, cultural, linguística, política, humana. E sobre o seu futuro. *A nós jovens, conscientes da importância do passado, olhamos sobretudo para o que nos espera.* Só desta forma, a Europa que se reinventou ao longo de séculos continuará a ser ponte para lugares no mundo e porta de entrada da diversidade de homens e mulheres que veem neste espaço o lugar da Democracia, da Igualdade e das Liberdades fundamentais. Precisamos, em especial, nós jovens, que a Europa, reinventada, resista à mais pífidas tentativas de violação de Direitos Humanos. Quando a economia e a finança se sobrepõem, na decisão política, ao que é verdadeiramente humano e social, perverte-se a razão de ser de uma união comprometida de países livres e democráticos. O desemprego, a miséria, o terror que se tem espalhado na Europa, geram, naturalmente sentimentos de insegurança e medo que, por sua vez, alimentam atos de discriminação e de não acolhimento da diferença (cultural, linguística, de género, religiosa...).

Muito temos todos que fazer para reinventar a Europa se quisermos defender-nos dos ataques que todos os dias fazemos a nós próprios, europeus.

A Europa tem sido alvo de drásticas mudanças ao longo dos anos. O fenómeno do “Brexit”, um dos mais recentes e com maior impacto na Europa dos dias de hoje, constitui, por exemplo, uma dessas profundas mudanças. No entanto, a Europa é, e continuará a ser, uma grande potência mundial, com grande influência no quadro internacional e que, portanto, é indispensável para a construção de um mundo civilizado, económica e socialmente estável.

No pós guerra a Europa ampliou o sentido da palavra *democracia*, pondo fim aos antigos regimes ditatoriais para dar lugar a uma desejada “nova” democracia. Com a democracia surgiu também a necessidade de reconstrução de um vasto território devastado quer a nível social e patrimonial quer a nível económico. Por esse motivo foi assinado em 1957, em Roma, o Tratado que serviu de alicerce para a nova Era Europeia. Como pontos fulcrais desse mesmo tratado temos o estabelecimento de um mercado único europeu, que previa a livre circulação de pessoas, bens e serviços por entre os países signatários. Foi assim criada a CEE (Comunidade Económica Europeia).

Atualmente, a Europa cresceu, tendo visto entrar mais 22 países na atual União que consigo trouxeram novos desafios ao projeto europeu. Tendo em conta o recente crescimento político da extrema-direita em países como a França, Alemanha e Itália é emergente reinventar de forma profunda a Europa e os seus ideais. Este fenómeno constitui um perigo eminente por

estarem em causa valores e princípios fundadores europeus: a discriminação racial e a intolerância não podem de forma alguma estar presentes na Europa atual, nem no resto do mundo. Defendê-los e proclamá-los é convidar-nos a nós europeus a aceitar o inaceitável, o absolutamente impensável à luz do direito internacional e dos princípios da democracia.

A Europa deverá ser uma alternativa aos extremismos que hoje observamos em inúmeras outras grandes potências e disseminados nos quatro cantos do mundo. Deverá ser um espaço onde os mais “fracos”, os mais pobres, os que fogem...possam encontrar abrigo sendo-lhes reconhecido o direito a uma vida digna. O respeito pela dignidade humana constitui a pedra angular de uma sociedade que não se deixa corromper nem amedrontar. A Europa aprendeu essa lição. Todos nós, filhos de uma Europa cansada mas resiliente, aprendemos dos nossos pais e avós, essa mesma lição.

2015 intensificou a crise dos refugiados, e fez vir à tona a fragilidade dos sistemas de asilo e solidariedade. Fez vir ao de cima, todos os anti-valores europeus: rejeição, discriminação, não acolhimento...medo e terror. Um dos seus maiores desafios é a inclusão de um mecanismo permanente de recolocação e integração de refugiados, de forma a não permitir que casos, como o caos nas fronteiras externas e os subseqüentes movimentos secundários caóticos dentro do espaço europeu, voltem a suceder. Assistir em direto a essas imagens e relatos, para além do incómodo natural, deve deixar-nos, a nós europeus, absolutamente, envergonhados. Mas a vergonha só é compreensível se a seguir nos comprometermos e “no mesmo barco” procurarmos encontrar soluções.

É, assim, fundamental desenvolver mecanismos que promovam a segurança, a justiça, a defesa e a proteção dos cidadãos europeus, para desta forma, se fortalecer a democracia e a cultura cívica europeia. A Eurozona deverá contribuir para a diminuição das desigualdades sociais e económicas, ao pensar e promover novas políticas, tais como a igualdade nos mercados europeus, dando a todos os países as mesmas condições de acordo com a sua influência no mercado e na política europeia.

Todavia, várias entidades se opõem a esta ideia da reinvenção da Europa devido aos múltiplos fatores que a têm dividido. A saída do Reino Unido da União Europeia e a ameaça de outros estados membros em seguir o mesmo caminho causa um enorme entrave e prejuízos. Estes fatores tiveram como consequência a necessidade de reavaliação de todos os «projetos europeus e o reconhecimento da autonomia relativa das principais políticas europeias como a união económica e monetária, o "Espaço Schengen" ou as políticas externas e de segurança comuns, em detrimento da uniformização destas mesmas.

A Europa é um espaço multicultural e por isso existem inúmeras diferenças entre os estados membros. Essas diferenças têm conduzido à negociação de acordos não formais entre os vários países da UE. Estas alianças acentuam-se com a divergência entre o Norte e o Sul da Europa. O Norte apresenta-se protestante e rico, enquanto o Sul católico e pobre. No entanto,

estas diferenças devem ser contrariadas mas sim aceites de forma a contrabalançar as desigualdades e fortalecer a união em si.

Na nossa opinião, a melhor estratégia para tornar a Europa melhor e mais avançada em termos sociais, passa por incentivar o apelo à intervenção dos jovens. Estes têm um papel fulcral no rejuvenescimento europeu pois é para eles que o projeto europeu existe. Não podemos deixar de destacar as inúmeras iniciativas como o Parlamento dos Jovens que em muito contribuem para criar estímulos à participação cívica de jovens estudantes. Temos de contribuir para aumentar o interesse destes jovens para os assuntos que lhes dizem respeito e não se contentarem com a indiferença e o conformismo. Todos sabemos que os jovens devem ser uma voz ativa e participada nos assuntos políticos, porém há muito ainda a fazer. Todos nós, enquanto cidadãos temos o direito e o dever de intervir de modo a contribuir para o desenvolvimento civilizacional, mas contribuir também para a reconstrução da Europa e da ideia que o cidadão comum tem da Europa. A este respeito, consideramos que a educação constitui a âncora fundamental. A escola, o saber, o conhecimento, a reflexão, a consciência transforma-se a pouco e pouco em participação e não em indiferença. Por isso não podemos adiar a nossa participação. Adiá-la é adiar o futuro da Europa.

Em suma, o futuro da Europa, da Europa que queremos para nós e para as gerações vindouras, só terá sucesso se nos pautarmos pela estratégia avançada pela Comissão Europeia, isto é, privilegiar a inteligência “através do desenvolvimento dos conhecimentos e da inovação”, promover a sustentabilidade “ baseada numa economia mais ecológica, mais eficaz na gestão dos recursos e mais competitiva” e fortalecer a inclusão “visando reforçar o emprego e a coesão social e territorial”. E nós, jovens europeus queremos fazer a diferença pela inteligência, pela sustentabilidade e pela inclusão, para mais facilmente almejarmos aquilo que nos torna dignos e de que devemos ser exemplo: a paz.

Bárbara Poupino – 11º A

João Morgado – 11º E